

Discurso de posse no Instituto do Ceará de Luís Ernesto Arruda Bezerra

Prezados confrades, congreiras, amigos, parentes, boa noite

Primeiramente, gostaria de dizer que nunca imaginei estar aqui, de pé, diante de tão valorosa audiência para proferir essas palavras. Portanto, de antemão, já peço desculpas se minhas palavras não se fizerem a altura do momento. Estar hoje aqui, tomando posse como sócio colaborador do Instituto do Ceará é uma realização mais do que pessoal, mas uma realização familiar. Esse teto que hora nos abriga foi construído pelo meu tio-bisavô, Jeremias Arruda, tio do meu avô, Miguel Edgy Távora Arruda que, nos anos 1970, foi sócio correspondente deste egrégio Instituto. Além do meu avô, meu tio avô, Dr. Francisco de Assis Arruda Furtado, irmão da minha avó Maria Adelina Furtado Arruda, também foi sócio deste Instituto. Imaginem então, senhoras e senhores, a importância que este momento tem para mim, e para a minha família. Meu avô Miguel Edgy foi um homem da história. Escreveu, ensinou e se correspondeu com este Instituto, mas, além disso, viveu e fez história, fato que pode ser atestado pela extensa obra que deixou, muitas publicadas na Revista do Instituto do Ceará. O sangue de historiador, herdado de meu avô, corre nas veias da minha família.

Contudo, a história não foi a carreira que segui. Me dediquei a estudar outro tipo de história, a história natural. Conhecer o funcionamento da vida em suas diferentes formas e manifestações foi a escolha profissional que fiz, vindo a graduar-me em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará. Na pós-graduação, me dediquei ao estudo da vida marinha no mestrado, concluído no Instituto de Ciências do Mar (LABOMAR), casa que me abriga hoje e que está aqui representada pela sua atual diretora Professora Maria Ozileia Menezes e pelo meu colega Professor Fábio Matos, e que foi fundada por um Confrade deste Instituto, o Prof. Melquiades Pinto Paiva, que nos deixou recentemente. O Prof. Melquiades dizia que o LABOMAR era uma oficina de cientistas. Posso, felizmente, dizer que sou um produto dessa oficina.

Já no doutorado, enveredei pelo conhecimento dos mares e oceanos, vindo a me doutorar em Oceanografia pela Universidade Federal de

Pernambuco. Sai do Ceará para buscar o conhecimento na antiga sede da nossa capitania. Mas, como diz o poeta e professor Oswald Barroso em seu livro ‘Ceará Mestiço’: “o que é o Ceará senão uma extensão de Pernambuco?

[...]nossa ocupação foi efetuada pelas entradas de gado provenientes das grandes cidades da zona da mata pernambucana, com a colonização se dando do interior em direção ao litoral, sem zonas de transição [...] fazendo com que o modo de vida sertanejo chegue até o litoral, bem mais extenso do que o de Pernambuco [...] sendo o jangadeiro uma espécie de vaqueiro do mar”.

Fui a Pernambuco estudar oceanografia para aprender a ser um “vaqueiro do mar”.

Ainda citando o poeta e Prof. Oswald Barroso, ele afirma que, diferente do pernambucano, por nunca ter havido uma grande indústria no Ceará, o cearense teria um “desapego à terra, à acumulação e ao planejamento [...] vivendo do varejo, dia por dia” de onde viria o “desprezo pelo patrimônio e pela autoestima”. Porém, temos lá nossas vantagens, “o espírito inventivo e aventureiro, a criatividade e a disposição de arriscar. Somos mais adaptáveis, uma espécie de faz-tudo (que na verdade é um especialista em imaginar). Somos mais abertos tanto para correr o mundo, como para acolher visitantes”. Talvez nesse sentido de querer correr o mundo, Pernambuco não foi suficiente para mim e, durante meu doutoramento, parti para terras estrangeiras. Foi assim que desenvolvi um período de estudos no American Museum of Natural History, em Nova York, e no National Museum of Natural History, em Washington, ambos nos Estados Unidos da América. E aqui, voltamos para a história natural.

História natural é um termo genérico, atualmente em desuso, geralmente visto como um conjunto variado de disciplinas científicas distintas. A maior parte das definições inclui o estudo das coisas vivas, como a biologia, enquanto que outras definições estendem o conceito até incluir a geografia, a paleontologia e a ecologia. Embora em desuso, ainda é muito usado em museus ao redor do mundo, visto que essas coleções, muitas iniciadas nos

séculos XVI e XVII foram marcadas pela cultura da curiosidade, e têm sua gênese na ideia renascentista do *teatro do mundo*.

Como isso, posso afirmar que ao longo da minha breve carreira, contribuí com a História Natural do Ceará ao publicar dezenas de artigos, livros e capítulos de livro sobre sua fauna marinha e seus aspectos ecológicos e geográficos, sobre a historização de alguns aspectos naturais, e das relações que existem entre a história e os fenômenos oceanográficos. Da mesma forma, pude recentemente aplicar meus conhecimentos de naturalista, que eram como as pessoas interessadas em história natural eram chamadas, na política ambiental do Estado do Ceará ao exercer o cargo de Cientista Chefe de Meio Ambiente, ao lado do confrade desta casa de Barão de Studart, Artur Bruno, Secretário de Meio Ambiente à época. Foi um período muito profícuo de trabalho, e que me fez compreender como os ditos “naturalistas” podem contribuir diretamente para a melhoria do Meio Ambiente do Estado e, conseqüentemente, da vida da nossa população.

O Ceará sempre foi um estado marcado pelo esquecimento. O ex-governador Parsifal Barroso, em seu livro ‘O Cearense’ afirma: “Dentro do Nordeste, projetado e descrito com um imenso saco, a caracterização do espaço cearense corresponde ao fundo desse saco nordestino, fechado pela linha final de costura que é a serra da Ibiapaba”. Segue o autor: “Se não fora o imperativo que obrigou o português a dobrar a ponta final do Nordeste, subindo em direção ao Meio Norte para chegar ao futuro estado do Maranhão, e o Ceará ainda seria por mais tempo desconhecido e abandonado”

Talvez por isso, e pelas promessas de riquezas que diziam se esconder nesse enorme e desconhecido “fundo de saco”, o Ceará foi definido como destino da primeira comissão científica formada totalmente por brasileiros, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a famosa “Comissão Científica Exploratória”, que desbravou as terras cearenses entre 1859 e 1861. Três ilustres brasileiros foram os responsáveis pela aventura: o Barão de Capanema; o médico e botânico Freire Alemão; e o poeta Gonçalves Dias. Três historiadores naturais, três naturalistas, que contribuíram com a História Natural do Ceará. Muito do conhecimento produzido, infelizmente, perdeu-se no naufrágio do famoso iate *Palpite*, objeto de estudo do Confrade deste Instituto, Augusto César Bastos, ao qual, inclusive, agradeço as palavras que me foram proferidas.

Então, o que estamos a fazer, senão continuar a empreitada destes três grandes brasileiros estudando a História Natural do Ceará? Hoje, obviamente com mais recursos do que naquela época, e relacionando a História Natural Cearense com a do mundo, seguindo exatamente o lema do Prof. Martins Filho, Confrade desta casa e fundador da UFC, minha *alma mater*: *o universal pelo regional*. E hoje, dando um passo a mais nessa jornada, ao entrar para o seletto grupo que compõem este Instituto do Ceará.

Minha entrada nesta casa, como sócio colaborador, significa para mim a oportunidade de beber na fonte, de ampliar meus conhecimentos e, como diz o título da categoria a qual invisto no momento, de colaborar com o Instituto, com a história do Ceará e com todos e todas que o fazem. Citando novamente o poeta e prof. Oswald Barroso: “Ao contrário da Paraíba e de Pernambuco, o Ceará nunca deu grandes cangaceiros, porém a maior parte dos grandes beatos brasileiros é cearense. Enquanto o cangaceiro é um destruidor, um vingador de Deus, o beato é um construtor, alguém capaz de unir, de integrar gentes” E é justamente assim que vejo este Instituto do Ceará, uma casa de unir, de integrar gentes, não podendo, portanto, ter missão mais cearense.

Caminhando para o final, gostaria de agradecer ao distinto amigo e confrade Augusto César Bastos, pela indicação do meu nome, aos confrades e congreiras que me elegeram para tornar esse sonho realidade e ao presidente Julio Lima Verde Campos de Oliveira pelo apoio. Certa feita, me foi perguntado se eu gostaria de já tomar posse como sócio efetivo. Respondi que meus cabelos ainda eram muito enegrecidos para tal honraria, mas que espero que os mesmos possam embranquecer sob o teto deste palacete, adsorvendo todo o conhecimento que aqui é produzido e comentado, sendo digno da medalha de Barão de Studart que hora orno no peito.

Gostaria ainda de agradecer aos meus pais, Francisco Luiz dos Santos Bezerra e a minha mãe, Maria Goretti Arruda Bezerra, além do meu irmão, Gustavo Arruda Bezerra, biólogo como eu, e que conduz sua carreira em terras europeias, antes nas universidades de Viena e Oxford e, atualmente, em Cambridge, na Inglaterra. A minha esposa Rossana Cordeiro, também bióloga e professora da UFC como eu e a nossa Filha Clara Arruda. Vocês são o alicerce que me permitem erguer-me cada vez mais alto, e o porto seguro onde posso atracar nos momentos em que a tempestade aperta.

Issac Newton afirmou que: “se vi mais longe, foi porque me apoiei sobre os ombros de gigantes”. Assim, finalizo dizendo que, daqui, desse lugar onde me encontro agora, sobre os ombros do Instituto do Ceará, e de todos e todas que o fazem, espero ver mais longe.

Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

- BARROSO, O. 2019. **Ceará mestiço**. Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza. 1ª edição. 652p.
- BARROSO, P. 1969. **O cearense**. Gráfica Record Editora, Rio de Janeiro. 1ª edição. 131p.
- MOREIRA, D. 2021. **Catorze camelos para o Ceará. A história da primeira expedição científica brasileira**. Editora Todavia, São Paulo. 1ª Edição. 283p.

(Discurso proferido em sessão de posse em 11 de março de 2023)